



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13283 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

“O FEMINISMO É A MINHA BASE”: NARRATIVAS DE FUTURAS PROFESSORAS FEMINISTAS

Ana Daniele Mendes Carrera - UEPA - Universidade do Estado do Pará

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

“O FEMINISMO É A MINHA BASE”: NARRATIVAS DE FUTURAS PROFESSORAS FEMINISTAS

Resumo: Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa acerca da perspectiva de jovens feministas, estudantes de licenciatura, na sua construção enquanto futuras professoras, que colocam o feminismo e o reconhecimento enquanto feministas no centro da sua formação. A investigação inseriu-se em uma abordagem qualitativa com o enfoque na fenomenologia social de Alfred Schütz. Para a reunião de dados foi utilizada a Entrevista Narrativa e como técnica de análise, o Método Documentário. Dos resultados, emergiram sentidos e significados que revelam uma educação feminista proporcionada pelas práticas da militância, demarcando posições que possibilitam refletir sobre as projeções que possuem a respeito da docência e das suas formações. O resultado apontou para o delineamento do modelo de orientação coletivo, denominado como *educação para a equidade de gênero*.

Palavras-chave: Feminismo; Formação de professores; narrativas.

Introdução

Nos últimos anos nota-se uma reconfiguração no movimento feminista que começa a ser visualizado por diversas perspectivas através das teorias que foram sendo construídas e que está inserido em novos espaços e lançando problematizações que antes não eram reconhecidas. Com isso, percebe-se uma nova geração de feministas que reconstróem suas visões de mundo enquanto mulheres na sociedade contemporânea que identificam as opressões a que são submetidas e não aceitam mais o lugar de fragilidade e submissão que culturalmente tem sido destinado as mulheres.

É no centro do processo de conquista e reconhecimento dos direitos das mulheres, que situamos o feminismo para além de apenas um movimento político, mas também teórico, o

qual “resgata a arte de dialogar para operar no processo de construção e desconstrução do conhecimento” (OLIVEIRA, 2008, p. 230), questionando o sistema patriarcal, as relações de poder e a dominação masculina construída historicamente. Assim, compreende-se que “o conhecimento feminista seria marcado pela valorização da experiência vivida dos sujeitos sociais” (MIGUEL; BIROLI, 2014, p. 26).

O feminismo tem alcançado um número cada vez maior de jovens mulheres que se reconhecem e assumem um posicionamento enquanto feministas enfatizando as suas particularidades e demandas diferenciadas que precisam ser debatidas a respeito do lugar que ocupam na sociedade. Por isso, situamos a juventude através da perspectiva geracional, visto que “a juventude recebe uma herança cultural da geração anterior e, ao mesmo tempo, produz novos significados” (BASSALO; WELLER, 2015, p. 238), identificando as continuidades e descontinuidades dentro do feminismo.

Nesse sentido identifica-se que as opressões e submissões em relação as mulheres jovens, englobam a construção e produção do conhecimento, pois, mesmo que a presença feminina nas universidades e nos cursos de formação de professores estejam cada vez maior, não é incluída a história das mulheres, suas lutas ou conquistas como temas relevantes na formação de professores, colaborando para que não exista uma equidade de gênero no ambiente acadêmico. Assim, objetiva-se compreender como jovens estudantes universitárias feministas percebem a contribuição do feminismo nas suas formações enquanto futuras professoras.

Metodologia

Esta investigação se baseia na perspectiva da fenomenologia social de Alfred Schütz que compreende a realidade através do sujeito e os significados atribuídos por eles. Schütz (1979) considera que a fenomenologia social se situa como um lugar onde se processam as relações e se forma a experiência de vida dos sujeitos sociais, os significados no mundo social podem ser compreendidos devido a intersubjetividade existente no mundo da vida.

Assi, foi utilizada como técnica de reunião de dados a entrevista narrativa, de acordo com Jovchelovitch e Bauer (2002), desempenham um importante papel para a construção do conhecimento, pois na narração é possível identificar elementos e reconstruir experiências revelando “percursos biográficos relacionados não só à trajetória individual, mas ao meio social, cultural e histórico do/a entrevistado/a” (WELLER, 2014, p. 357).

Para realizar as entrevistas foi construído um levantamento dos movimentos feministas existentes em universidades públicas de Belém do Pará e de estudantes de licenciatura que fazem parte desses movimentos. Foram encontrados dois movimentos feministas atuantes e para esta pesquisa será abordada a narrativa de duas estudantes, seguindo o critério de serem ativas nos grupos feministas e estarem cursando o último ano de licenciatura, chamadas de Maria e Pagu.

Em relação ao procedimento de análise foi utilizado o método documentário por reconstruir os sentidos implícitos na fala das estudantes a partir da reflexão das suas práticas cotidianas. O método documentário é um método interpretativo em que a análise perpassa a reconstrução do sentido de determinadas ações no contexto social em que estão inseridas (WELLER et al, 2002). Sendo assim, toda experiência pode e merece ser interpretada, pois “não são ‘meros contos na vida’, mas estão profundamente enraizadas na história da sociedade da qual fazem parte” (WELLER et al., 2002, p. 391). Para a análise, foi necessário realizar a transcrição da entrevista, por meio da codificação de elementos verbais e não verbais que fazem parte do método documentário e são sinalizados através de códigos que nos permitem reconstruir os sentidos de acordo com a forma que a entrevistada narra a sua visão de mundo.

Análise e discussão de resultados

As estudantes relataram as suas experiências a respeito dos debates de gênero na universidade e nos cursos de formação de professores e como eles auxiliam ou não na construção enquanto futuras professoras. É importante pontuar que não é de interesse fazer uma avaliação curricular dos cursos de formação de professores, mas sim, dialogar por meio da percepção que passaram a ter com as suas vivências acadêmicas e com o feminismo. De acordo com Pagu:

Olha (.) ela me ajuda a refletir por não ter a discussão de relação de gênero (.) por ser tão ausente no nosso curso eu passei a refletir muito mais porque a gente tem disciplinas eletivas que deveriam ser obrigatórias (2) relações étnico raciais (.) educação sexual então (.) ninguém quer discutir isso e isso me incentiva, ver que eu preciso me formar quanto uma educadora que fale dessa educação sexual que não esteja em uma escola e veja tantas situações relacionada ao gênero e ficar calada e não saber tomar atitude (.) não saber orientar os próprios professores que não sabem tomar atitude (.) as crianças (.) a própria coordenação ou direção (.) a gestão da escola; então (.) eu preciso estar preparada pra isso.

Na frase ‘ela me ajuda por não ter a discussão de relação de gênero (.) por ser tão ausente no nosso curso e eu passei a refletir muito mais’, observa que a formação na universidade não inclui essa temática como tópico a ser estudado e este ‘não ter’ contraditoriamente a auxilia a refletir o quanto essa discussão se faz necessária, uma vez que, existe uma disciplina eletiva no curso de pedagogia chamada ‘educação sexual’ e que foi por meio dela que teve a chance de ter um debate a respeito de gênero e sexualidade, mas comenta que ‘ninguém quer discutir isso’, o que a incentiva e estimula em se ‘formar quanto uma educadora que fale dessa temática e mostre a importância de tratar desses assuntos perante alunos, professores, coordenadores e diretores da escola que venha a atuar. Para Maria:

as minhas vivências na universidade fez eu construir quem eu sou sabe (.) foi o movimento estudantil que montou a pessoa e a profissional que eu sou hoje sabe foram pessoas que já passaram na minha vida e que me mostraram o que é o movimento estudantil (.) o que é o feminismo e é o que eu tenho uma visão além da sala de aula (.) além do livro didático (.) além de um caderno sabe eu acho que a escola que o professor não é só aquele que te ensina a ler e a escrever (.) mas ele te dá visão de mundo (.) quando um menino já é opressor com uma menina dentro de sala de aula ainda muito pequeno sabe (.) então na escola a gente ouve muito esses

discursos (.) a menina é inferior ao menino (.) tem que lavar louça o menino tem que brincar sabe (.) eu vejo que não é essa a profissional que eu quero ser (.) eu quero dar uma visão diferente pros meus alunos então eu te falo com as minhas vivências que eu busquei fora da universidade fora da sala de aula me construí na pessoa que eu sou hoje.

A estudante reafirma que as suas ‘vivências na universidade’ a fizeram construir quem ela é e reconhece a importância do movimento estudantil que lhe aproximou do feminismo e contribuiu para ‘uma visão além da sala de aula’, ‘além do livro didático’ e ‘além de um caderno’, fazendo-a perceber que o papel do professor é mais do que ser a pessoa que só ensina a ‘ler e a escrever’, pois, segundo ela, ‘ele te dá visão de mundo’.

Exemplifica ainda, situações do cotidiano dos alunos na escola, nas quais o menino se comporta de forma opressora com as meninas desde ‘muito pequeno’ e revela que isso a motiva a querer ‘dar uma visão diferente’ para seus alunos. Percebe-se que ela identifica comportamentos que reproduzem atitudes machistas no contexto escolar que mantém o sistema patriarcal e que, para isso, buscou outras vivências, construindo uma ‘visão de mundo’ que questione esses comportamentos. Na frase ‘eu quero dar uma visão diferente pros meus alunos’, ela atribui às experiências fora de sala de aula a construção de um olhar social mais crítico enquanto docente, já que no curso foram poucos os aprendizados que puderam contribuir com a sua formação. Pagu, traz um relato sobre a prática:

quando eu fui pras escolas eu percebi que muita coisa precisa mudar, duas coisas que precisam mudar a formação dessa galera que vem dar aula e o nosso posicionamento ali com essas crianças e eu vejo que *o feminismo é a minha base* assim pra tudo porque (.) o feminismo não te ensina a chegar e excluir o menino e exaltar a menina somente né e também ver situações que muitas professoras não sabem como reagir (2) então o feminismo por eu estudar (.) por precisar estudar muito da história (.) precisar do debate amplo de tudo (.) das questões políticas (.) da questão de gênero ele vai me dar pra ir pra uma sala de aula e discutir todos os feminismos e falar desse feminismo né ter a prática do feminismo pra relação dessas crianças.

Na frase ‘eu fui pras escolas eu percebi que muita coisa precisa mudar’, para a estudante, destacam-se: ‘a formação dessa galera que vem dar aula’, ou seja, a formação de professores e o ‘posicionamento ali com essas crianças’ que para ela envolve a construção de uma educação baseada na equidade de gênero. Ela relaciona ainda a importância do feminismo que possibilita perceber casos que ‘muitas professoras não sabem como reagir’ e desmistifica o que seria a atitude de uma professora com base no feminismo. Logo, para ela, o feminismo, ao precisar do estudo da história, de debates amplos, de questões políticas e de gênero, permite que ela tenha suporte para estar em uma sala de aula e levar esses conhecimentos a seus alunos.

Percebe-se nas narrativas, a ausência das discussões sobre relações de gênero nos cursos de formação de professores, sendo mencionado pelas estudantes apenas por meio de disciplinas que não são obrigatórias nos currículos das licenciaturas. Essa ausência perpassa a construção do currículo do curso como um currículo que precisa atender as demandas da sociedade e preparar para as diversas situações que ocorrem no ambiente escolar.

As estudantes demarcam posições que nos possibilitam compreender as suas formações e pensar nas projeções que possuem sobre a docência. Através das suas falas foi identificado, como modelo de orientação uma *'Educação para a equidade de gênero'*. Esse modelo envolve o entrelaçamento coletivo entre a construção da prática docente e os conhecimentos adquiridos com o movimento feminista que trazem à tona uma formação para além da sala de aula a respeito das discussões das relações de gênero sendo vivenciadas através do movimento feminista e estudantil. Essas experiências, aliadas à militância feminista, fazem parte da construção dessa *'educação voltada à equidade de gênero'* identificada nas narrativas.

Considerações finais

As narrativas apresentaram além das experiências individuais, estruturas da vida social com elementos históricos e culturais, nos possibilitando refletir sobre a própria formação de professores a partir das visões de mundo que as cercam enquanto jovens, feministas e futuras professoras.

Fica os desafios de articular os pensamentos feministas à prática docente, uma vez que ainda existe a manutenção de um sistema educativo que reproduz comportamentos machistas e os estereótipos de gênero e, que reverter esse modelo educacional, ou esse modo de ensino-aprendizagem, é uma projeção que as futuras professoras compartilham em relação a sua prática profissional que envolve a construção da visão de mundo dos seus alunos para o enfrentamento às opressões e às desigualdades de gênero que continuam sendo reproduzidas no espaço escolar.

Por meio de uma educação para a equidade de gênero, as estudantes assumem posições que vinculam o conhecimento adquirido com o feminismo e a docência. Com a presença do feminismo na universidade, por meio dos grupos de pesquisa e/ou movimentos feministas, os debates que envolvem as relações de gênero têm sido mais visualizados, porém, de acordo com as narrativas, observa-se que ainda há uma rejeição a respeito dessa temática tanto de estudantes quanto dos profissionais da educação que continuam propagando as diversas opressões no ambiente acadêmico.

Referências

BASSALO, Lucélia de Moraes Braga; WELLER, Wivian. Jovem e mulher: um estudo sobre os posicionamentos de internautas feministas. In: SOUSA, Carlos (org) *et al. Juventudes e Tecnologias: sociabilidades e aprendizagens.* – Brasília: Liber Livro, 2015.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. *Feminismo e Política: uma introdução.* 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

JOVCHELOVICHTH, Sandra; BAUER, W. Martin. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto imagem e som.* Um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 90-113.

OLIVEIRA, Eleonora Menicucci de. O feminismo desconstruindo e reconstruindo o conhecimento. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, jan-abr/2008. p. 229-245.

SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e Relações Sociais*. Rio de Janeiro. 1979.

WELLER, Wivian; et al. Karl Mannheim e o Método Documentário de Interpretação: uma forma de análise das visões de mundo. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. XVIII, n. 2, p. 375-396, jul/dez. 2002.

WELLER, Wivian. Narrativas biográficas de jovens: o que seus destinos revelam?. In: CARRANO, P; FÁVERO, O. (Org). *Narrativas Juvenis e espaços Públicos: Olhares de pesquisas em educação, mídia e ciências sociais*. Niterói: editora da UFF, 2014. p. 355-373.